

# Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento nos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 7 de junho

### O Real d'Agua

E o comicio d'Aveiro

I

Bom é discutirem-se as leis nos comicios, sobretudo as economicas, e que os proprietarios não deixem ir a sua causa á revelia—por isso louvo o comicio d'Aveiro, ainda que discorde da representação contra a proposta, que extingue o real d'agua e o substitue por um imposto directo.

Os generos principaes, que entram no real d'agua, estão sujeitos em França aos *Octrois*, que não são mais do que um aggravamento do imposto geral, á entrada, e sobre a revenda nas cidades e em 1500 communas, parte em seu favor, parte em favor do thesouro, exactamente como entre nós...

A proposta do ministro extingue tudo menos no Porto e em Lisboa, porque as más circumstancias financeiras assim lh'o exigem, e havendo excepções, é justo ou razoavel, que as haja onde melhor se compensem ou minorem.

Os *Octrois*, (nome que vem da outorga, ou concessão do rei, a qualquer municipio, ou communa, ou cidade para estabelecer os) foram já extinctos na Belgica, na Hollanda, em Francfort, na Suisa, no Hanover, e na Prussia, e nunca existiram na Inglaterra, nem nos Estados-Unidos.

Em França, no corpo legislativo, nas camaras do commercio, nas juntas geraes, nos conselhos dos cantões e das communas, nos comicios, teem sido atacados, e pelas mesmas razões porque deve ser extinto o imposto geral, porque restringem o consumo, e a producção, o commercio, a circulação, e o trabalho—são um flagello.

E' o que não contestam e confessam os raros, que ainda os defendem. Mas um imposto como o real d'agua, que assim affecta os mais importantes ramos da agricul-

tura, o vinho, o azeite, as aguas-ardentes, o arroz, que são ao mesmo tempo os mais commerciaes, não se justifica, porque o toleram; (como diz o comicio) a condescendencia popular não annulla aquelles seus terriveis effeitos, que a theoria e os factos confirmam em toda a parte, como veremos no artigo seguinte.

II

1.º Se o comicio protesta contra o novo imposto em nome dos proprietarios, é porque suppõe que estes não contribuiam para o real de agua.

2.º Mas *n'este caso* como querem aproveitar-se dos serviços a que o real d'agua se applica, quando o não pagam? Como querem uma tal desigualdade para as outras classes?

3.º Se a grande maioria dos proprietarios d'Aveiro (segundo a representação) não produz os generos contribuidos, são esses mesmos, que em virtude do real d'agua os compram por um preço exagerado, artificial, e este exagero é muito superior á parte em que o novo imposto directo os cotisa.—E em nome dos que não produzem representar contra o novo imposto, que lhes é favoravel, é um contrasenso.

III

4.º Um dos pontos mais essenciaes em materia d'impostos é saber sobre quem reincidem, ora o real d'agua reincide sobre os productores, isto é, sobre os proprietarios—que protestando contra a sua extincção protestam contra os interesses da sua classe em todo o paiz.

5.º Trata-se de substituir o que rendia até agora o real d'agua por um imposto directo; póde questionar-se a fórma de o substituir, mas na hypothese de ser substituido por um imposto predial não póde attender-se aos proprietarios, que não produzem os generos, que lhe estavam sujeitos, para serem excluidos—um imposto geral não

admitte essas excepções, que seriam *materia nova em finanças* ao contrario do que diz a representação do comicio.

6.º O que se pergunta é se é justa ou razoavel a substituição consignada na proposta do ministro—se ha compensações para uns e para outros, tanto para os que produzem, como para os que não produzem.

7.º O que importa saber-se é quem paga ao estado—é onde consiste o principio financeiro.

Quem paga o real d'agua? Quem revende inclui no preço do genero o imposto, preço que ainda exagera, se pode—quem consome paga um preço que não é o natural, e que o estado e o revendedor exageram: quem produz, em vez de vender por 9, vendeu por 6, se o real d'agua levou 3—E' o productor quem realmente paga ao estado—o consumidor pagou um preço, que não era o natural ou normal, e que seria menor, se não fosse o real d'agua—o productor vendeu por menos do que venderia.

Sem o real d'agua ganham ambos—o consummo augmenta, e a producção hade estender-se.

Assim pois tanto os proprietarios, que produzem, como os que não produzem, ficam compensados.

(Continuaremos)

Laurenço d'Almeida Medeiros.

### GOMES DIAS

Foi apresentar-se á cadeia o sr. Gomes Dias, redactor e editor responsavel d'este jornal, para cumprir a pena, que por um artigo ahi publicado lhe impoz o sr. Carneiro Salgado.

A lei da imprensa não póde contudo abranger como injuria a simples repitação de factos já julgados ou accusados, quando não se affirmem novamente—nem tambem julgamos, que a expressão—um *osso na camara*—não se lhe juntando qualquer outra, que a torne significativa de cor-

ruptela, se possa considerar injuriosa. Um *osso* toma-se ás vezes por um emprego remunerado—e as vereações não teem salarios—portanto o mais que no caso do sr. Gomes Dias podia dizer era—«um lugar de valor, de importancia, de influencia»—ir além d'isto, e entrar nas intenções não se admite—os juizes não são inquisidores.

Tambem se diz um *osso* de um encargo que não rende, que só dá trabalho; em qualquer dos sentidos *vulgares* d'essa phrase, não se imagina uma injuria.

Dadas na audiencia todas as satisfações ao supposto offendido, o snr. juiz devia attender a esta circumstancia—mas ainda deferiu a um requerimento, que pedia um fiador ás custas.—Em tudo, que respeita a liberdade pessoal não deve tolher-se qualquer garantia, todos os recursos devem permittir-se na sua maior amplitude, apenas são legitimas as restricções taxadas na lei—na qual a fiança ás custas não é uma condição restrictiva de qualquer recurso—que por isso não podia ficar dependente d'ella.—O sr. juiz ampliou aqui a lei criminal.

Porém ha compensações, que mais valem que os males soffridos.

Gomes Dias, moço brioso, e de qualidades mui sympathicas, tem sido visitado constantemente por muitos cavalheiros, o que é uma prova do bom conceito que merece—e uma reparação, um desagravo publico da pena, que podemos chamar um *osso* da imprensa, e sem receio dos tribunaes.

A.

### BOHEMIA

CERVEIRA

### CONFRONTOS

XXI

Do *Povo d'Ovar*, do sr. Fragateiro, de 21 de novembro de 1886:

«Não triumpharam: levaram d'assalto, á *cabralina*, uma eleição em que a maioria do concelho lhe era e é adversa, mas perante o vinho, as arruaças, os crimes, e, principalmente a força armada, disposta a impedir a votação, era impossivel ir á urna.

Todo o concelho tem presenciado os actos dos vandalos, dos esfomeados que quizeram empalmar uma eleição para pagar ao medico Cunha dinheiro que elle não ganhou: ao administrador do concelho os ordenados quando elle está devendo á Fazenda Nacional: aos empregados da administração quando ha outros legalmente nomeados e ainda não demittidos: e dar aos *affectedos* os bens municipaes, os maninhos e principalmente a Estrumada.

Foi para isto e sómente para isto que elles empregaram as maiores violencias, commetteram os maiores attentados, arrombaram as casas dos cidadãos, fizeram *esperas* com o intuito de espancarem e maltratarem.

Governando os vandalos amanhã, abusando descaradamente, como teem abusado da auctoridade administrativa, o que será do concelho?

O futuro está bem patente—todos viram como esses selvagens, esses limonadas, atacaram a Estrumada, ainda ha dias, derrubando e roubando enorme porção de pinheiros, aos gritos de—isto é nosso! isto é nosso! Ahi está a senda que elles trilharão ao entrar na administração municipal. Ahi está o cataclysmo enorme que subverterá a riqueza commum, a garantia dos nossos haveres, a base do nosso bem estar.

Os limonadas atulharão as secretarias de empregados, porque trazem atraz d'elles uma turba famelica que querará esburgar os cofres camararios enquanto lá houver alguns reaes. Essa turba ha de querer comer até á ultima o que a todo o concelho pertence. Ella tem-se sujeitado a commetter os maiores crimes para obter a recompensa condigna.

Alguns dos vadios, que agora atacam os cidadãos pacificos e honestos, foram outr'ora artistas honrados que viviam nobrememente do seu trabalho. Os *cabeças* famintos desviaram-nos do caminho digno para os lançar no lodaçal do crime—como se ha de pagar o desfalque que soffreram esses desgraçados? Só os bens municipaes terão de responder pela perda, só demasiados empregos pagos pela camara poderão compensar os sacrificios pecuniarios que essa gente tem soffrido pela falta de trabalho.

Em lugar d'homens honrados os *cabeças* limonadas tem feito

criminosos, que amanhã serão talvez ladrões ou assassinos.

O esfriamento ha de vir, a bolsa ha de fechar-se, e os proprietarios e capitalistas do concelho terão de soffrer essa malta damninha que hoje nos ataca em nome da politica suja e villã e que amanhã ha de atacar as nossas casas em nome da fome que lhes roerá as entranhas.

Povo! terá de pagar crimes que não commettestes, terá de ser administrado por gente que te repugna e á qual foste sacrificado por umas auctoridades que prometteram vencer-te á força na eleição camararia do dia 14 para que alguns adeptos podessem conseguir despachos, e outros levassem dos cofres municipaes dinheiro que não ganharam. Chegou o momento de supportar a turba estaimada, chegou o momento de vêr e ouvir festas que o municipio terá de pagar.

Elles appellidaram-se limonadas e hão de provar cabalmente que estão á altura de usar d'esse nome odioso, que n'este concelho foi conhecido por um roubo.

Povo! a aurora ha de raiar depressa, a garantia dos nossos direitos ha de dentro em pouco ser reconhecida. Novas auctoridades nos hão de pôr a coberto das prepotencias e o passado voltará depressa para extinguir a horda maldicta que hoje tripudia á sombra do abuso e da licença, dos crimes e das aruaças.

Ao crime ha de seguir-se a punição: ao abuso e licença, a lei com todos os rigores: ás arruaças, auctoridades energicas que saibam bem cumprir com os seus deveres.

A epocha de fatalidades que vae seguir-se e que se tem infelizmente iniciado, representa apenas um borrão na vida social e politica da nossa villa querida, da nossa terra abençoada, sempre prompta em accudir aos desgraçados, mas prompta tambem em castigar criminosos. Esse borrão desaparecerá quando os ferros da cadeia tiverem raspado da sociedade ovarense a gentilha que lhe suja a sua vida politica.

Elles quizeram fogo, muito fogo e musicas, quizeram muito barulho e muito vinho, para atormentar, ensurdecer os gritos das suas consciencias embaciadas, que eram um protesto vivo contra os crimes que praticaram para vencer as eleições. Aquellas festas, que teremos de

pagar, não significam regosijo, prestaram apenas para abafar os gritos da consciencia que se revoltava; e a prova é que nenhum povo concorreu a ellas.

Aquellas festas são o preludio da marcha funebre do municipio devastado, empobrecido pela turba, morio na sua vida social.

Povo, vae começar uma epocha maldicta, vae começar o sacrificio.

De joelhos o oremos pelo futuro do nosso infeliz concelho»

Do mesmo jornal:

«Em plena praça publica levantou-se domingo a força, precedendo este espectáculo degradante todas as ceremonias terroríficas.

Domingo um bando enforcou, em dois madeiros alçados em frente do tribunal a honra, a dignidade e o futuro do concelho.

A's 4 horas da manhã foi resada, na capella de Santo Antonio, a missa de *requiem* a que assistiu todo o grupo limonada tendo á sua frente os *cabeças*; depois alçou-se a figura symbolica do municipio, entre os apupos da gentilha avinhada.

Era o termo das prophcias. O concelho havia de morrer ás mãos de seus filhos, a nossa honra havia de ser esmagada assim, entre o vozear da multidão nescia e depravada.

O madeiro, symbolo da justiça, distendia os seus braços sinistros pelo espaço negro da noute, indicando a uma villa socegada o termo da sua existencia social dentro dos limites da legalidade.

A esfinge balouçava-se lugubrememente e a canalha gargalhava: a abobada celeste negra e fria não mandava á terra o mais tenue raio de luz: os madeiros tremiam e a multidão gritava, pedia cordas mais solidas para os prender.

Como Christo, o sympathico hebreu que em si concretisava o genio e aspirações da sua nação, morreu ás mãos da gentilha vil — assim o concelho symbolo das nossas aspirações, manifestação da nossa vida collectiva devia ser estrangulado por o que ha de mais depravado, de mais criminoso na nossa infeliz terra.

Proximo ás 11 horas foi descida do madeiro a esfinge e toda a gentilha cahiu sobre ella dando largas ao seu furor: e por fim, julgando que ainda

não estava morta de todo, disparou-lhe tiros.

Era o medo de que aquelle mono de palha, a esfinge do concelho, ressuscitasse ainda para vir castigar os malvados, os modernos pharyseus.

O vinho distribuido largamente tinha-lhes embaciado as consciencias já corruptas e nos esgares violentados que faziam, pretendiam encobrir os signaes do medo que lhes brotavam no rosto.

O povo ao vêr semelhante attentado chorava de vergonha, arrepelava-se e pedia vingança contra a malta esfamada sobre que o moderno Berlingas dominava absolutamente. A colera celeste havia de cahir sobre a raça maldita e o povo implorava o perdão para os innocentes.

Depois 5 ou 6 arruaceiros acompanhados de grande porção de rapazio percorria as ruas encharcadas, annunciando que a malta ia tripudiar emfim, enrequecendo-se á custa do municipio.

Como o Christo, o concelho hade ressuscitar um dia da morte civil e politica a que o condemnaram os cabeças limonadas, e então a força desaparecerá, emfim, como desapareceram os Berlingas de tristissima memoria e a liberdade, a garantia dos direitos dos cidadãos reaparecerá mais vivida, mais opulenta de força do que no tempo passado.

A força ainda hoje abre os seus braços e milhares de vezes terá de funcionar porque vae principiar o sacrificio, a epocha maldita dos roubos.

Limonadas! Limonadas! sois uma raça de precitos, sois a escoria da nossa sociedade.

O vosso predecessor de ha 7 annos foi bem mais infeliz, mas bem menos criminoso do que vós, ó limonadas d'hoje.»

## PRIMAVERA CERVEIRA

### NOTICIARIO

#### Corpus Christi

Com uma imponencia superior a toda a expectativa, festejou-se na quinta-feira o S. Christovão.

Admiramos o santo e curvamos-nos perante os camaristas-festeiros, que Deus hade conservar por se-

culos e seculos no throno municipal.

Cumpriu-se rigorosamente a fantochada—o programma do sr. vice.

Missa concorrida pelos altos funcionarios; á tarde procissão, procissão deslumbrantissima, em ordem rigorosa, os camaristas com as respectivas fachas... e etc.

O sr. vice, apesar da sua perigosa doença, não faltou a encorpar-se no seu logar d'honra, no prestito.

Fechou a noite, acabou a fantochada, a verdadeira fantochada de que tantissimas vezes o sr. Fragateiro fallou no seu *Povo d'Ovar*.

Foi o mesmo sr. Fragateiro que na ultima procissão dos Terceiros riu no seu orgão, já defuncto, do calção de muitos cavalheiros respeitabilissimos; e todavia vimol-o quinta-feira direito como o fuço, aspecto altivo, arrogando a maior importancia, facha á cinta, olhando os astros, e rezando a S. Christovão.

Veja-se, porém, o que, sobre esta procissão, elle escreveu no *Povo d'Ovar* de 10 de junho de 1888:

«S. Christovão, o santo padroeiro d'uma villa hoje perdida, vinha mostrar a sua força empunhando um pinheiro que não chegava a ser bordão; — era o distinctivo da força muscular como elemento de justiça, e não como symbolo do desbarato da Estrumada.

E o pobre, e o bondoso santo, vendo-se rodeado d'algozes, agarrado pelo manto largo, vermelho, inspirava dó, e aquella bocca fria entreaberta quasi vinha pedindo que o soccorressem, que o livrassem dos caceteiros em grande numero.

Elle tambem trazia, como S. Jorge, o seu estado maior de alimarias, todas engalanadas; mas esse estado maior, apesar da imponencia do acto, não pôde deixar de trazer proximo á bocca as fachas, aquellas fachas que tanto dinheiro tem custado a todos.

E lá foi elle seguindo um largo percurso, sempre com a mesma expressão de tristeza, sempre prisioneiro, abrigando no seu largo bojo o palio contractado para esse effeito.

Um momento só o abandonou o seu estado maior, mas pouco depois seguiu outra vez a ver se colhia alguns *vivas* pagos a tanto por cabeça.

Eganaram-se: Uma villa já não dá *vivas* a burros. — *Ismael.*»

E em 23 d'outubro de 87:

«Marcharam pela primeira vez de fachas a tiracollo, sendo como

joven official a quem devo a vida e que, depois de me ter salvo, ou talvez por me salvar, foi gravemente ferido.»

—«O teu protegido, meu filho, não tinha necessidade de tantos titulos para ser bem recebido no meu humilde presbyterio; sou eu, ao contrario, Antonio, que te agradeço, pois que me offereces occasião de te ser agradavel, fazendo uma boa acção. Que transportem o ferido para o meu quarto; que o deem no meu leito... pois gosará allí mais frescura e mais socêgo.

O quarto de Bazilio Grispino tinha as dimensões que se encontravam antigamente em França nas habitações. Tres altas e largas janelas expostas ao norte esclareciam com luz habilmente calculada os quadros que o decoravam e eram seu unico ornamento.

Estes quadros eram assumptos de piedade, e duas excellentes pinturas representando Frei Angelo, o pintor dos anjos, pelo qual o velho padre tinha uma devoção inteiramente particular.

uma procissão funebre. No rosto estampa-se-lhes o remorso.

As fachas atraçoavam-nos. Ellas eram o symbolo da liberdade, elles representavam a oppressão e o roubo; ellas alegres, musicantes, refulgiam ao longe, elles oppressos pelos remorsos, tristes, aborrecidos, tinham a physionomia dos condemnados.

As pobres fachas foram arrancadas do cofre exausto do povo, eram por isso cúmplices n'um roubo. E quando o sol ardente lhes batia de chapa, como ellas pareciam querer protestar contra a violencia de que foram victimas para figurar sobre aquellas *casacas* avariadas.

Como eu vos lamento, pobres fachas: admiro-vos a resignação, igual á do povo que soffreu tudo attentiosamente! — *Ismael.*»

O mundo está assim.

## BOHEMIA CERVEIRA

### Melhoras

Segundo uma carta que recebemos do Pará, sabemos que está restabelecido o nosso amigo Manoel Portovedo.

Do coração o estimamos.

### Pesca

Tem havido trabalho na costa, havendo laços de 100\$000 réis e 290\$000, de boa sardinha, que se tem vendido a razão de 1\$000 a 1\$700 réis o milheiro.

### Publicações

Foi distribuido o 3º fasciculo do *Manual do Carpinteiro e Marceneiro*, editado pelos srs. Guillard Aillaud & C.ª.

Agradecemos a offerta. —Pela acreditada caza do sr. A. J. da Silva Teixeira, do Porto, foi-nos enviado o excellente *Diccionario de synonymos latin's*, ultima producção de H. Bruuswich.

Escusado é encarecer a importancia e utilidade de tal trabalho.

Os precedentes trabalhos do mesmo auctor sobre linguas, crearam-lhe já uma auctoridade que este ultimo não desmerece.

A impressão é excellente. Agradecemos a offerta de tão precioso livro.

## PRIMAVERA CERVEIRA

N'um, estava representado o bem-aventurado Angelo, decorando as paredes da igreja; n'outro estava reproduzida uma lenda popular na Italia.

O santo varão, cheio de fadiga, estava adormecido ao pé da tela. Durante o somno, os anjos trabalhavam no seu painel e davam a uma figura da Virgem essa ideal belleza que, nas diversas composições do eminente artista, fêre d'admiração todos os conhecedores da arte.

Logo que deitaram o capitão francez, veio o mais illustre cirurgião de Brescia pensar-lhe a ferida. Era ella das mais graves, e o homem da sciencia recusou pronunciar-se pela muita ou pouca esperanza que tinha em conservar a vida do salvador de Antonio.

O cura de São Marcos andava desesperado, e a sua inquietação subiu de ponto quando, no joven official estendido sobre o seu leito, reconheceu o amavel estrangeiro que tinha sido prisioneiro da prudente Genoveva uma noite inteira.

(Continúa)

### Folhetim da FOLHA D'OVAR (11)

## O ultimo sobrinho de Frei Angelo

POR

PROTCHE DE VIVILLE

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

VI

Durante todo o tempo que durou a batalha de Solferino, a mais pungente angustia torturou o coração dos habitantes de Brescia. Elles tinham testemunhado um tal entusiasmo a favor dos vencedores de Magenta que os desgraçados estavam cada vez mais compromettidos no caso que pertencesse á Austria pronunciar a ultima palavra, e a reputação europeia do invencivel quadrilatero causava-lhes insomnias terriveis.

Em casa do veneravel cura de São Marcos, as apprehensões não eram menores que as das habitações mais opulentas da cidade.

Thereza sobretudo, exaltada pelo conhecimento recente das desgraças de sua familia, fazia votos ardentes pelos libertadores da sua patria e vingadores de seus paes.

E por isso, enquanto se ouvisse ao longe o trom da artilheria, ella conservava-se ajoelhada ante os altares da igreja de São Marcos.

Genoveva, que só tinha a temer o saque ao presbyterio, installara-se o mais proximo possivel da douzella e dirigia ao Senhor preces fervorosas pelo triumpho da liberdade.

O bom cura, esse, ia e vinha, recitando as suas orações. A sua exaltação era tal que não socegava um instante em logar algum.

Pela tarde, rebentou uma trovoadá terrivel e os ribombos do trovão succederam-se ao estrondo dos canhões.

Cada qual procurou a sua morada, e a tremula Thereza, que o ceu em fogo espantava tanto como

o troar da artilheria veio sentar-se perto de seu tio.

A pobre menina tinha muitas razões para inquietar-se. Havia mais de quinze dias que não recebera noticias de seu irmão Antonio, e em semelhantes tormentos, os dias são seculos.

De repente algumas martelladas precipitadas abalaram a porta do presbyterio e, por alguns instantes, dominara o ruido do trovão.

Eram pessoas apressadas que desejavam entrar.

—«Vae abrir, minha boa Genoveva, disse o cura á velha creada. Vae e apressa-te. Deixar fóra da porta alguém com um tal tempo é offender a Deus.»

Genoveva obedeceu de má vontade; porém, obedeceu.

Logo que se abriu a porta, Antonio, pallido, cansado, molhado até aos ossos, entrou precipitando-se nos braços de sua irmã.

Depois de dados os primeiros abraços, disse elle, apoderando-se das mãos do velho cura:

—«Meu tio, eu venho pedir-vos para recolherdes em vossa casa um

**Nos ferros d'el-rei**

Está preso nas cadeias d'este villa o redactor d'este jornal, cumprindo a pena que lhe impoz o juiz de direito d'esta comarca, dr. Manoel José Dias Salgado e Carneiro, pelo crime de abuso de liberdade de imprensa.

Chamado aos tribunaes pelo ex-director do *Povo d'Ovar*, actual director do *Ovarense*, vice-presidente da camara municipal, presidente da commissão do recenseamento, advogado dos outros e de si mesmo, etc., etc., com o fundamento de o haver injuriado, o sr. juiz julgou effectivamente injuriosas as palavras que se diziam referentes ao ex-redactor Fragateiro.

Sempre imaginamos que o sr. juiz não interpretasse pelo modo como interpretou a parte incriminada do artigo, ou artigos da *Folha d'Ovar*.

O sr. juiz que é um magistrado probo, recto, digno e sabedor; o sr. juiz que n'estas questões d'imprensa tem dado distinctos pareceres; o sr. juiz que, obedecendo á sua consciencia e á sua razão distingue bem a verdade da mentira; o sr. juiz, repetimos, proferiu uma sentença pela qual nunca esperavamos, mas que nem por isso terá a nossa reprovação. Antes pelo contrario. O sr. juiz andou perfeitamente bem, e andal-o-ha sempre que mostre a imparcialidade que o distingue.

E fallamos assim, porque hoje em dia já não se pôde confiar plenamente na justiça—depende tudo das interpretações.

O ex-redactor do «Povo d'Ovar» e actual director do «Ovarense» Francisco Fragateiro, advogando a sua causa na occasião do julgamento do redactor d'este jornal, bem mostrou ao sr. juiz, em curtas palavras, mas sentenciosas, biblicas até, o quanto era justa a condemnação do réo, que não odiava, que mesmo não perseguia e a quem até de bom grado perdoava, mas que foi por elle arrastado aos tribunaes e que teve de prestar fiança, a requerimento seu, pelo pagamento de custas e sellos.

E o sr. juiz interpretou muito bem as sábias palavras do illustre advogado de si mesmo, condemnando o réo nas custas e sellos do processo, 40\$000 réis de multa e 15 dias de cadeia.

A nós (com a devida vénia) parecia-nos que as palavras incriminadas do nosso jornal não atingiam a alta personalidade do ex-redactor do *Povo d'Ovar* e actual director do *Ovarense*, e confiavamos que o sr. juiz, distinguindo a verdade da mentira, não tomasse como injuriosas as referidas palavras, que nem sequer ao de leve poderiam manchar a reconhecidissima honra do ex-redactor.

Mas... não pôde dizer mais quem está

**nos ferros d'el-rei**

**BOHEMIA CERVEIRA**

**Festividades**

Uma chuva d'ellas n'este mez. Amanhã, na capellita de N. S. da Graça a festividade em honra do Coração de Jesus Velho, havendo missa e sermão; e á tarde novena acompanhada de musica.

—No dia 18 e na Igreja Matriz o Coração de Jusus Novo. Esta festa costuma ser muito estronzoza e este anno parece que esse estrondo não diminuirá.

E' de esperar. —No dia 29 o S. Pedro, o velhote e gaiato S. Pedro.

Os activos festeiros promettem sahir bem

Caprichos honrosos que anticipadamente applaudimos.

—Pelo programma que nos foi apresentado pelos dignos mesarios de Santo Antonio, e que publicamos, vê-se que os festejos ao milagroso advogado das coisas perdidas e dos falsos testemunhos, devem ser soberbos.

Assim esperamos dos nossos sinceros amigos Cerveira, Santos e Ramos, tres mesarios, á verdadeira altura.

No domingo portanto preparem-se.

Tres dias de festa!  
Perdel-os, que peccado!

**PRIMAVERA CERVEIRA**

**Remoção**

Para as cadeias da Relação, seguiu sabbado, acompanhado de tres officiaes judiciais o José Gordo, accusado de assassinato na pessoa de Domingos Zareco.

Crémos que aguardará alli o dia para julgamento

Que os ares tripeiros o consolam!

**Ao Cerveira**

Têm calor? tomem refrigerantes, gazosas, cervejas, que tudo encontrarão em casa do Cerveira. Experimentem as novas marcas de cervejas *Bohemia* e *Primavera*, e verão como o calor desaparece. Não se esqueçam é *Primavera* e *Bohemia*.

**BOHEMIA CERVEIRA**

**Notas á pressa**

Regressaram da Pesqueira, os nossos amigos Manoel e Marcos Fernandes Villas.

**Saudinha.**

—Esteve na quinta-feira entre nós, o ex.<sup>m</sup> sr. Joaquim Fonseca. —Partiu na quinta-feira para Alcobaca, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia o ex.<sup>m</sup> sr. dr. Francisco Antonio Pinto, integerrimo juiz de direito.

—Veio tambem passar alguns dias á sua terra natal, o nosso patricio e amigo José Augusto de Pinho Valente, conceituado negociante em Villa Nova de Gaya.

—Tem passado melhor o sr. Manoel de Oliveira Leite, regedor d'esta freguezia.

—Tambem está melhor o sr. Francisco Abragão, pae dos nossos amigos Manoel e Frederico Abragão.

—Estimamos as melhores d'ambos. —Esteve na quinta-feira entre nós, o nosso amigo Augusto Oliveira Gomes, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia.

Retiraram-se no me-mo dia para Oiveira de Azemeis.

—Partiu para o Porto o nosso amigo Lopes Fidalgo.

—Esteve incommodado o nosso amigo Francisco Marques, incommodo felizmente passageiro.

Estimamos o restabelecimento.

**PRIMAVERA CERVEIRA**

**Porquê?**

Porque será que os *sabios* não publicam as actas das sessões camarárias?

Apagaram-se as *lamparinas*, como o Fragateiro em tempo chamada ao *Ovarense*?

**Chronica do tribunal**

Mais uma vez entrou para o *cacife* o cidadão Porteira, mas o illustre cidadão é como o rouxinol, não pôde estar de gaiola.

Sua ex.<sup>a</sup> entrou no domingo e

esteve hospedado só até segunda-feira.

Que tenha cuidado o cidadão, porque pôde ser que o rato tanta vez vae ao moinho...

**BOHEMIA CERVEIRA**

**CHRONICA**

**NA PRISÃO**

I

Depois de sete dias, sete seculos, na minha prisão—um sotão immundo, triste, velho—chama-me o dever de chronista a dar os «bons dias» aos leitores, offerecer-lhes serviços n'este *cacife* e pedir a sua visita.

Immunda, velha e triste esta prisão?

Eu lhes digo, leitores amigos, semi-amigos, indifferentes e não amigos, o *segredo*, o sotão para onde as santas justicas locais me desterraram parece agora um palacio como o de B lem, um chalet como o do Navarro!

Os primeiros enfeites consistem: ramilhetes fartos, de florinhas mi-mozas, das que aromatizam e embelezam os jardins das minhas leitoras. Porque são as leitoras, as minhas queridissimas leitoras, as offertantes.

E depois, as paredes defumadas vestidas de lindo papel, cor de roza, cor da tua alma—ó minha feiticeira!

Nada sinto n'esta prisão, que me contriste, que me chame á meditação lugubre e dilatada; e para que e como, se os meus amigos, semi-amigos, indifferentes e não amigos, fazem-me a honra da sua assidua presença?

A's vezes, poucas, recorda-me a privação dos meus passeios n'este mez das festas, mez da mocidade, dos maiores prazeres, recordação que esquece rapidamente. Eu não sou d'esses cuja alma sepulta-se no seio da concentração, almas de que eu rio, vangloriando-me de ter alma, é verdade, porém excepcional alma alegre, sempre alegre, capaz de arrostar com todas as afflicções da vida.

Passo bem, satisfeito, os dias no alto d'este edificio antigo, olhando o panorama lindo de parte da villa, sentindo os affagos acariciadores, embora calmosos, dos raios do sol que me visitam e consolam.

A não ser as ferrugentas grades da janella do *segredo*, quem diria que habito uma prisão?

Mas lá de fóra a curiosidade anima-se, a antipathia da gente pobre do bom criterio incendeia-se; por isso quando passa, volta olhos para a janella gradeada, e vêem-me e riem, pensando ser isso vingança honrosa, pensando martyrisar-me com aquelles olhares ironicos, satisfeitos, quando eu é que rio, rio muito, com animo e conscio de que tal riso, o riso dos pobres do bom senso, não me menospreza: antes me exalta tanto quanto eu immerge.

Quinze dias de prisão não bastam, não influem a que o meu genio varie.

Se, como disse, a lembrança da privação de passeio n'estas bellas tardes e mais bellas manhãs me incutisse afflicções, bastariam as palavras sinceras e confortadoras dos amigos para a tranquillidade do espirito.

A falta d'estas tinha logar o meu violão, o meu companheiro dos prazeres e sentimentos.

Quantas vezes, ao desmaiar da tarde, quando os ultimos e já frouxos raios do sol vêm fazer-me as suas despedidas, eu toco no instrumento referido umas canções proprias da occasião, tão dolentes e tão tristes como triste é o teu olhar—ó minha feiticeira!

Durmo bem. Lindos os sonhos, mais lindos que as alvoradas d'abril, mais innocentes que as magnolias do campo!

E talvez pensem os leitores que sonhos terriveis, pesados, perturbariam o meu espirito...

Accordo, manhã alta; reparo o ponto d'onde a luz vem,—da janella gradeada—e nunca me lembra e nunca digo: estou preso!

Será dissimulação da minha parte? Eu creio que presos só estão criminosos—assassinos, ladrões, desordeiros.

Serei qualquer d'estas coisas? Por isso digo—estou e não estou preso...

Não sou nem impaciente nem desesperado; não odeio nem faço por odiar; porém, não são estes contratempos que me succumbem, que me aniquilam.

Confio no porvir, e tanto me basta.

\*

Sete dias de *cacife*! Passados oito, que reinação! Os rapazes estão em algazarra constante, geme o violão e canta tremulamente o bandolim. Escrever, mais, impossivel. Até quinta.

Jayme.

**PRIMAVERA CERVEIRA**

**CORRESPONDENCIAS**

**Regoa, 4 de maio**

Onze horas da noite de 30 do corrente projectadas no espaço e uma existencia d'ouro depositando na ampulheta o seu derradeiro grão d'areia.

Evolou-se para o ignoto, para esse mundo d'alem-tumulo, uma existencia que synthetisava as mais fulgidas e fulgurantes crystallisacões d'uma alma nobre e boa.

Na primavera da vida, quando o seu alvorecer lhe principiava a sorrir, quando mal sentia ainda as melodias do porvir, felizes e riso-nhas. 26 annos apenas, extinguiu-se para sempre o espirito gentil de D Adelaide Sophia Peixoto Martins Borges, estremecida esposa do nosso amigo Antonio José de Carvalho Borges.

Que fatalidade, meu Deus!

Que terrivel inexorabilidade a vossa em arrancardes a um esposo que tanto idolatrava uma companheira tão querida!

Presenciámos até á igreja o sahimento funebre.

Jámais vimos chorar tanto!

Jámais presenciámos manifestação commoventissima tão expontanea e tanto do intimo do coração!

Centenares de pessoas, desfeitas em pranto, davam o derradeiro adeus á que, na sua passagem, proclamavam a mãe da Caridade!

A homenagem sincera que centenares de pessoas lhe prestavam traduzia a immensa dor que lhes ia no intimo por a morta querida que em vida as amparou com o seu benefico e carinhoso influxo de caridade e lhes enxugou muitas lagrimas.

Caminhava-se com indecisão e cautella. Ca la passo que se avançava augmentava o desanimo de todos quantos seguiam aquella pobre extincta.

E' que viam desaparecer rapidamente os ultimos momentos de estar junto d'aquella que em vida foi um modelo exemplarissimo de virtude, de caridade, de bondade e de graça. A éca onde repousava o seu ataúde parecia um *bouquet* unico.

No meio de flores viveu sempre e no meio d'ellas desceu á sepultura.

Eram tantas as *coróas* e os *bouquets* que apenas podemos annotar as seguintes

**Coróas:**

Adeus Adelaide, teu Antonio. —Adeus Adelaide, teus inconsolaveis irmãos Antonio, Adolpho e Abilio. —A D. Adelaide S. P. M. Borges, «Saudade Eterna» de sua amiga Maria das Dóres C. Pinto.

—A sua querida e nunca esquecida prima Adelaide Joaquina B. de Castro, e Henrique de Castro. —A sua adorada madrinha como prova de eterna saudade, Antonio e Adelaide, José e Arnaldo. —A sua predilecta sobrinha Adelaide, seu velho tio o major Alexandre Seixas. —Ultimo adeus, José e Arnaldo. —Saudade eterna, José e Maria.

**Bouquets:**

Ultimos beijos de suas sobrinhas, Mimi e Beatriz. —A' sua respeitabilissima amiga D. Adelaide Sophia Peixoto Martins Borges, offerecem Laura e Augusto Ferreira. —Os inconsolaveis ailhada e sobrinho, Adelaide e Joaquim Norton, á madrinha e tia Adelaide. —A sua verdadeira amiga D. Adelaide, José, Gaspar, Jorge e Vicente, ultimo adeus. —Ultimo adeus das suas amigas Emilia e Carolina. —A' memoria da sua sempre chorada prima, Domingos Martins. —A sua sobrinha Adelaide em testemunho de entranhado affecto, Maria do Céu. —A nossa carinhosa tia, de seus sobrinhos Alzira Irene e José. —A sua amiga e prima D. Adelaide, Maria Augusta, Filomena Gomes, Victorino Antonio, Joaquim e José.

As suas dedicatorias exprimem sentida e compungentemente a magua profunda que ia na alma de todos quantos n'ellas rendiam á morta querida o derradeiro preito de saudade.

Todas ellas, sim, fallam saudosamente; mas de todas ellas destaca-se uma que, por mais simples, é a mais expressiva: «Adeus, Adelaide. —Teu Antonio.»

Não se pôde exprimir com mais dor e saudade um coração!

Quatro palavras que são quatro pedaços d'alma e d'uma eloquencia incommensuravel. E em pouco, chorou muito aquelle pobre coração de esposo.

Amavam-se e estremeciam-se até ao delirio. Nós, que muito de perto viviamos de esposos tão queridos, imaginamos a profundissima e enorme dor que rala o coração de tão infeliz, quão apaixonado esposo.

D'este logar, tambem sinceramente sensibilizados e saudosamente surpresos com a extemporaneidade da perda do anjo que se evolou, qual sonho de flores que, embora se desvaneca como todos os sonhos, não esquece nunca, te enviamos um apertadissimo e cordeal abraço.

A todos os teus um respeitoso aperto de mão e os protestos sinceros da minha mais profunda e sentida condolencia.

S. Garrido.

**Rezende, (Aregos), 5 de junho**

**Meu caro Gomes Dias:**

Por falta de tempo não tenho dado as noticias d'esta santa terra onde v. conta bastantes assignantes da nossa querida *Folha d'Ovar*.

Hoje, porém, como disponho d'algumas horas d'ocio, vou dar-lhe uns breves pormenores da minha querida e nunca esquecida—a que me viu nascer; pois creio assim matar a malfadada sapeira... além de cumprir o dever de correspondente. Limito-me apenas a duas ou tres couzas.

Como aqui haviamos noticiado, realiso-se a festa e romagem do 4.º domingo em Carquero.

Esteve concorridissima de muitas forasteiras... e forasteiros, e adornada do bello madamismo que este anno abnadou ali como as moscas em carne morta.

Dificil seria poder descrevel-as. A festa correu animadissima até

ao escurecer. Muito entusiasmo nos mais apaixonados, que ao dizerem «adeus», áquellas que lhes tinham patenteado os melhores bocadinhos de passatempo.

Para que anda a gente a render homenagem, ou para melhor dizer amabilidades, para depois ficar n'um martyrio?—e sem haver nada que o conforte?

Para que andaram aquelles rapazes a gastar os seus poucos cobres em prendas... se, tão preciso lhes é para cigarros? Eu, tudo o que lá gastei foi em limonada, porque todo o meu mal são securas...

—De visita a sua familia, tem estado entre nós o nosso prestimozo amigo, Augusto Maximo Rangel.

—Tem estado doente o ex.<sup>mo</sup> sr. José Maria Teixeira Pinto, da casa de Villa Pouca, e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Marcia Augusta Chaves, dignissima professora d'esta villa

Que gozem as melhoras de que são dignos, é o que do coração lhes desejamos.

—Partiu para o Porto o sr. José Loureiro d'Almeida, do Montinho; para Orados e São Cypriano os nossos amigos Antonio Maximo Pinto da Fonseca e Ignacio d'Almeida Mattos.

—Para Nespereira, José Joaquim Pinto da Fonseca, e o rev. Thomé Pinto Cardozo.

—Deve chegar na terça-feira o nosso prestimoso amigo e sympathico academico, Albino Antonio d'Almeida Mattos, que ha dias fez acto do 2.<sup>o</sup> anno juridico em Coimbra, ficando plenamente aprovado.

Este anno, amigo, não foste victima da furia do nosso «Sanchez» que o anno passado exerceu sobre ti a vingança mais atrós, roubando-te assim, o trabalho d'um anno!

D'aqui te enviamos um aperto de mão, protestando ir abraçar-te logo que me ache restabelecido dos meus incommodos...

Se antes, resolveres vir fazer-me uma visita a esta «Thermal», fica ao teu dispôr como amigo e antigo condiscipulo

Thomé.

## ANNUNCIOS

**CASA EDITORA**  
DE  
**GUILLARD, AILLAUD & C.<sup>a</sup>**  
Rua Aurea, 242-1.<sup>o</sup>

### Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.<sup>a</sup> edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marcenaria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

## A COMMERCIAL

### Companhia de seguros contra fogo

Antonio de Souza Campos, com loja de fazendas nas Pontes, d'esta villa, toma seguros contra fogos aqui e no Furadouro.

Preços rasoaveis.

Recebeu grande sortimento de fazendas proprias da estação.

Os preços são baratissimos.

Vejam e verão.

Maria do Carmo Josefa Isidora, professora em Ovar, recebe alumnas internas até á idade de dez annos, ensinando-lhes as prendas proprias do seu sexo e habilitando-as para exame d'instrucção primaria elementar e de admissão aos lyceus.

## PREVENÇÃO

Joaquim Merceneiro, com officina na rua da Praça, previne os seus freguezes que despediu de sua casa o official José Coelho dos Santos. Ovar, 12 d'abril de 1893.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 65

## PROGRAMMA

### FESTIVIDADE A S. ANTONIO

Dia 10

A's 9 horas da noute principiará a tocar no coreto a phylarmonica «Ovarense» até ás 2 horas da manhã, havendo tambem illuminação e fogo.

Dia 11

De manhã, missa a grande instrumental, sermão, e de tarde procissão, tocando depois a musica no coreto até á noute.

Dia 13

Missa cantada, e de tarde novena com musica, tocando depois até á noute a musica no coreto.

## NOVIDADE

Chegou a cerveja BOHEMIA e PRIMAVERA.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na

PRAÇA.

## CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviem-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

Largo da Pocinha 73 a 77

EDITORES—BELEM & C.<sup>a</sup>—LISBOA

## A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCCÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e a *Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Paris, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG proveu tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empra, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjuncto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

**Condições d'assignatura:**  
—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanais de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e senlo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas n'escritorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

## CATALOGO DAS OBRAS

A VENDA NA

# Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

## Dramas, comedias e scenas-comicas

*Cynismo, scepticismo e crença*, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.<sup>a</sup> edição) . . . . . 300

*O captivo*, (do mesmo auctor), canção original . . . . . 50

*Henriqueta, a aventureira*, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama . . . . . 400

*Os homens que riem*, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos . . . . . 400

*Homens e feras*, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos . . . . . 400

*Os viscondes d'Algirão*, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros . . . . . 400

*O poder do ouro*, por Dias Guimarães, drama em 4 actos . . . . . 500

*O Condemnado*, (do mesmo auctor), drama em 3 actos e 4 quadros . . . . . 400

*Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores*, (do mesmo auctor) . . . . . 400

*A Judia*, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos . . . . . 400

*Magdalena*, (do mesmo auctor), drama em 4 actos . . . . . 400

*Helena*, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos . . . . . 400

*No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume . . . . . 400

*Dá cá os suspensorios*, (do mesmo auctor), comedia em um acto . . . . . 100

*Villão, o fugitivo da cadeia do Porto*, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos . . . . . 200

*Ambos livres*, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto . . . . . 100

*Os homens de bem*, por Antonio Correia, drama original em 5 actos . . . . . 300

*Tribulações d'um marido*, por João Coutinho Junior, scena comica original . . . . . 100

*O homem põe* . . . . . (do mesmo auctor) quipróquo em 2 actos . . . . . 160

*O processo do Rasga*, parodia ao *Processo do Cancan*, (do mesmo auctor) opereta comica e burlesca em 2 actos e 3 quadros . . . . . 300

*O casamento do Rasga*, continuação ao *Processo do Rasga*, (do mesmo auctor) . . . . . 200

*Quatro devotos de Baccho*, (do mesmo auctor), parodia á opera burlesca de Offenbak *Gräduenza de Gerolstein* . . . . . 60

*O 100*, (do mesmo auctor), scena comica original, ornada de musica . . . . . 60

*Lamentações d'um andador*, (do mesmo auctor), scena comica original . . . . . 60

*O casamento da confeitadeira*, (do mesmo auctor), comedia em 1 acto, ornada de musica . . . . . 200

*Os apostolos do mal*, por Agostinho Albano, drama em 5 actos, 8 quadros e 1 prologo (traducção) . . . . . 400

*O testamento azul*, por Jayme Venancio, zarzuella em 3 actos, traducção livre . . . . . 300

*O Porto escorrega tanto!* . . . . . (do mesmo auctor), scena comica original . . . . . 100

*O sargento-mór de Villar*, por Augusto Garraio, drama em 5 actos e 6 quadros, extrahido do romance de igual titulo, de Arnaldo Gama . . . . . 360

*Os tripeiros*, (do mesmo auctor), chronica do seculo XIV, drama historico de grande espectaculo em 5 actos, baseado no romance do mesmo titulo do fallecido escriptor C. Louzada . . . . . 300

*A falsa adúltera*, por Julio Gamma, drama em 5 actos e 6 quadros, traducção . . . . . 300

*Os espelhos de D. Maria Avó*, por F. Assis Pinheiro, comedia em 1 acto . . . . . 100

*Morgadinha de Val d'Amores*, por Camillo Castello Branco, comedia em 3 actos . . . . . 400

*O prompto alívio*, por M. Fernandes Reis, comedia em 1 acto . . . . . 100

## Contos

### e historias diversas

*O verdadeiro livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas . . . . . 500

*Arte para curar bois*, vacas, burregos, porcos, cabras e outros animaes . . . . . 60

*Malicia e maldade das mulheres* e a malicia dos homens . . . . . 40

*Historia dos tres filhos*, ou o gato das botas . . . . . 20

*O noivado do sepulchro* (ballada) . . . . . 20

*Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*, conforme a escreveram os quatro Evangelistas . . . . . 60

*Auto de Santa Barbara*, virgem e martyr, filha de Diocoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Diocoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um ancião . . . . . 40

*Acto intitulado Apartamento da Alma*, em que se contem duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima . . . . . 40

*Auto de Santa Catharina*, virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim . . . . . 40

*Auto do Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caím, Abel, Dálilo, um vilão, um tabellião, um carnicheiro, uma regateira e um moleiro . . . . . 40

*Auto de Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma . . . . . 40

*Auto de Santo Antonio*, livrando seu pai do patibulo . . . . . 40

*O Judeu errante* (historia biblica) . . . . . 20

*Atento de dois cantadores*—A confissão do marujo—A despedida da mãe com o filho . . . . . 20

*Tragedia do Marquez de Mantua* e do Imperador Carlos Magno . . . . . 40

*Auto de Santa Genoveva*, princeza de Barbante, em que fallam Santa Genoveva, sua mãe: Sigisfredo, seu esposo; Tristão, seu filho; Golo, mordomo; uma criada, e dous criados . . . . . 40

*Atento de dois cantadores*—A menina padeira—Um negociante de melancias . . . . . 20